o espaço mascarenhas

a cidade do futuro valoriza o passado

O Espaço Mascarenhas é o coração da cultura, conhecimento e da história de Juiz de Fora. O Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, que já foi o prédio principal da Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas (CTBM), abriga hoje as atividades de relações táteis e visuais: o desenho, a fotografia, a pintura, a escultura. A Biblioteca Municipal volta-se à pesquisa, ao estudo, à leitura, à memória. E as atividades decorrentes de um mercado público refletem a tradição, os costumes e a identidade de uma região. É um espaço de troca que apresenta a cidade.
Para esse o local de importância ímpar no contexto de Juiz de Fora, pensa-se que o seu entorno imediato (Praça Antônio Carlos e Rua Dr. Paulo de Frontin – bases desse concurso) solidifique-se como uma base digna que abrace tamanho tesouro.

Proposta dos Espaços
As diretrizes gerais de intervenções foram estabelecidas a partir dos seguintes critérios que pautaram o projeto:
1_ a reorganização dos espaços seguindo as intenções do edital.
2_ a conexão entre os lados da praça e entre vias urbanas limítrofes ao espaço
3_ a criação de espaços que facilitem o suporte à eventos como feiras, exposições, shows e encontros das pessoas, sobretudo nos períodos noturnos.
4_ criar pequenos microclimas de permanência que funcionem em sintonia com os demais locais mais abertos e de eventos
5_ economia e fácil aplicabilidade, manutenção e disponibilidade dos materiais

A proposta procurou também se pautar no próprio *genius lóci*: a história, a cultura, o conhecimento, a luz, ou seja:
1_ resgatar a antiga edificação da subestação na praça já demolida através de desenhos no piso bem como o muro de divisa que seguia até a outra ponta da antiga sede administrativa (mercado municipal) na Rua. Dr. Paulo de Frontin.
2_ aproveitar esses resgates para contar a história local se utilizando das sete janelas demolidas de forma compositiva e no mesmo local de origem.
3_ realizar intervenções que não segmentem o espaço, mas sim auxiliem e fortaleçam a contemplação e relação com os artefatos históricos.

Praça Antônio Carlos _ A história como diretriz de projeto
Segundo as diretrizes do COMPPAC, de forma geral, a proposta deve visar a preservação dessa região e das relações que ela promove, respeitando sempre a natureza cultural do objeto.
Para isso, é necessário que haja equilíbrio nas ações determinadas, direcionando a intervenção na "**promoção de relações de qualidade dessa interface entre o ambiente construído e o espaço livre público, considerando sua fluidez, permeabilidade e integração física, visual e social**".
O desenho do conjunto e do piso dos espaços públicos buscou uma relação não só formal, mas espacial e de continuidade com o existente, ou seja, de amarrar a "irregularidade" das edificações ao desenho do espaço público. Os caminhos e a materialidade adequam-se desde as frestas das edificações existentes ao conjunto total da praça e, de forma neutra, buscam atribuir valor às edificações tombadas. Logo, o critério adotado no traçado desse espaço público procura rememorar a malha urbana das edificações que foram destruídas antes de um processo de tombamento.
O traçado das antigas edificações de apoio, bem como o muro de divisa, do espaço fabril da Companhia Mascarenhas guiou alguns desenhos de piso que organizaram diferentes espacialidades na Praça Antônio Carlos. Marcações com pedras similares a alguns caminhos encontrados entre as edificações comunicam onde encontravam-se esses limites arquitetura x espaço público. As jardineiras elevadas foram retiradas para dar espaço à canteiros baixos em brita. Tendo em vista o elevado número de pessoas tanto no dia a dia quanto nos eventos que a praça busca comportar, o uso de britas no lugar de gramados para a permeabilização do solo parece ser mais adequado sobretudo na manutenção de longo prazo. A altura das jardineiras também compromete não só o espaço de uso da praça como cria barreiras entre os espaços da praça e estimula com que os veículos andem em alta velocidade nas vias que cortam o local. O objetivo aqui para esse espaço que é naturalmente um polo de grandes eventos à céu aberto busca unificar e não segregar. Outro modo de auxiliar no compartilhamento mais amistoso entre pedestre e veículos foi de elevar a pavimentação na Travessa Dr. Prisco e na Avenida Getúlio Vargas. Essa elevação da rua, através de pavimentações semelhantes, dá mais segurança e continuidade no caminho do pedestre, enquanto o carro se vê obrigado a diminuir a velocidade através de elementos redutores prévios, mas também por ser um "intruso" no local.
Organizando as atividades da praça, bem como os espaços "livres", há dois grupos com conjuntos de bancos, canteiro e iluminação que configuram setores de permanência, sombra e encontros. A luz surge aqui como um elemento marcante simbolizando o conhecimento. Sua composição destaca a natureza cultural do lugar e o que essas atividades simbolizam para a cidade e seus habitantes. Estamos em um momento em que, infelizmente, a cultura e a pesquisa encontram-se um patamar baixo de prioridades. Em tempos de escuridão, nada melhor que trazer a luz para estes espaços, para estes temas e para as pessoas que frequentam o local. Ao mesmo tempo, deixando-o o mais acessível, universal e acolhedor a todos.
A pista de skate e o *playground* foram repensados juntos ao desenho da praça e, por consequência, das antigas edificações e implantações. Nos dois casos, estão esses, parcialmente ou totalmente, em uma cota 45 centímetros abaixo da cota da praça. A estátua de Bernardo Mascarenhas foi movida para o caminho central entre o Mercado Municipal e a antiga Sede Administrativa, proposta aqui como um corredor cultural e gastronômico. A ideia é repensar o monumento sem destruí-lo, somando-se uma nova estátua em homenagem à consciência negra.
O palco foi redirecionado para junto da bifurcação da Avenida Getúlio Vargas em Travessa Dr. Prisco. Nesse ponto, o trânsito mais intenso do cruzamento adquire o "escudo sonoro" do palco, que fica aqui orientado aos terrenos de menor concentração de residências e em uma posição visível de quase toda a praça e edificações como o Café da Subestação e Mercado Municipal.
Entre as marcações de piso que rememoram as antigas edificações já demolidas, há um acesso pela Avenida Getúlio Vargas que cria um novo eixo em direção à parte regular da Travessa Dr. Prisco. E outro acesso entre o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas e o novo Café da Subestação que imediatamente torna-se uma praça de articulação entre esses espaços, um nó de permanência, contemplação e organização espacial.
A Travessa Prisco foi pensada de modo a apenas criar uma via menor, mais "alçada e demorada" para que seu trajeto seja mais calmo e esteja em sintonia com o espaço ali criado. A alça que atravessa a Praça à sul funcionaria apenas com o ônibus e bicicletas. Retirá-la por completo, aparentaria comprometer uma importante porção do transporte público de Juiz de Fora.
A ideia inicial seria tirar a curva que conecta a Av. Getulio Vargas com a Travessa Dr. Prisco, no entanto, a partir de uma pesquisa, constatou-se uma quantidade considerável de linhas e horários de ônibus que se utilizam dessa via e por consequência dessa conexão. Essa, aqui apresentada, poderia funcionar como uma fase intermediária em que seria finalizada em uma etapa final com a restrição quase completa dos automotores no coração de Juiz de Fora.
Os passeios em frente ao Centro Cultural Bernardo Mascarenhas seguem as mesmas diretrizes e padronizações de piso e, como em outros lugares de maior trânsito, protege-se a partir de discretos balizadores em concreto.

A Rua Paulo de Frontin como EIXO ARTICULADOR
A Rua Dr. Paulo de Frontin segue como uma continuação do pensado para a Praça Antônio Carlos. A pavimentação em dois tipos de piso de concreto somado da via, também em blocos de concreto, trabalha como uma base uniforme e discreta para as antigas edificações que são protagonistas do espaço construído. Todo o espaço entre as edificações são amigáveis ao pedestre, no entanto, a rua ainda desempenha um forte papel de conexão com a Rua Halfeld e na carga/descarga do mercado e edificações do entorno. Logo, novamente a via foi elevada no mesmo nível da calçada e, esta última, possui faixa de serviço/permanência e circulação de ambos os lados.
Prevê-se uma maior gentileza com a importante conexão com a Praça Dr. João Penido à norte, a qual, futuramente, poderia sofrer intervenções semelhantes no longo prazo.

Edificações do Espaço Mascarenhas
A natureza cultural do espaço condicionou a um programa que além de fomentar a economia local procurasse preservar resgatar a memória do *lócus*. As oficinas gastronômicas (e também de bebidas) no segundo pavimento da **Antiga Sede Administrativa** trazem o caráter regional mineiro ao complexo enquanto o espaço de tecelagem com exposições permanentes e oficinas cravam a vocação local. As atividades no segundo pavimento desse bloco procuram suprir com um incentivo às inovações, à tecnologia e à economia criativa. Um local para cursos, palestras, mas que também serve como espaço de eventos e mostras está diretamente vinculado à um co-working . No andar inferior, bares ajudam a alimentar a vida noturna da praça, sendo que um deles, possui também conexão interna com o mercado.
Como já mencionado na introdução, um **Mercado Municipal** (público) é, antes de mais nada, na sua essência uma praça com atividades de troca que recebeu um abrigo. Aqui, nesse caso, um abrigo especial: uma bela edificação que servia às atividades da Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas. Resgatando esse nobre uso e aliando-o ao patrimônio, pensou-se em trazer a praça para dentro: foram desenhados canteiros abaixo das aberturas da cobertura, em meio aos boxes de comércio, com árvores, jardins, bancos, locais de repouso e conversas.
As atividades dos 42 boxes e 2 quiosques propostos procuram suprir as demandas locais e regionais através dos alimentos, artesanatos e outros produtos referenciados à Juiz de Fora e Minas Gerais. Entre esses estabelecimentos, dois jardins foram aproveitados juntos aos dois vazios existentes. Neles os quiosques conversam em escala com o usuário enquanto a circulação vertical torna-se facilitada e generosa a partir de duas novas escadas. O pavimento superior tornou-se um andar gastronômico através dos 4 restaurantes de comidas típicas e mais 2 quiosques, além do espaço de oficinas gastronômicas já mencionado.

imagem 1 _ fragmento dos edifícios do espaço mascarenhas com os murais históricos criados a partir das 7 janelas extintas da antiga subestação

implantação
1:500

CONCURSO FÁBRICA MASCARENHAS

Realização: JF PREFEITURA · INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

Apoio: IAB MG INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL Núcleo Juiz de Fora